

## **Cartas de Amor e Desespero**

Feliz é Tereza de Jesus Avelino, que é amada e sabe disto e recebe confirmação freqüente em cartas cheias de ternura, confessando o sofrimento da ausência longa e solitária, pois cada vez que o homem, que ficou lá no sertão, “pega no rude lape”, como ele próprio diz, é para contar saudade grande, inconsolável, quase aflita.

Várias destas cartas, que o jovem patrão conseguiu não sei como e me passou para um empréstimo rápido, estão aqui em cima da mesa — e o que é mais de lamentar neste achado epistolar e amoroso, é que não se sabe nunca o que foi que Tereza respondeu. Mas presume-se, pelo tom lamentoso que vai se agravando quase até a angústia, que as alegrias e atrações da cidade vão pouco a pouco conquistando as simpatias da cunhã, enquanto José Ferreira, apaixonado, continua dizendo que está com o “coração partido”, acrescentando a esta declaração de amor uma informação muito importante — para ele, pelo menos: “Aqui não tem nada de roçado até agora nem feijão verdi não tem. Estar tudo muito sem graça vou terminar”.

A suspeita de que a negligência e o desamor de Tereza aumentam vem aqui nas expressões desta carta que vou reproduzir respeitando a grafia, como convém: “Terezinha espero que esta cartinha vá li encontrar gozando as mais delicioza felicidade Terezinha encontro eu



ficarei aguardando as mesma condo tive só uma vez a felicidade de receber uma amáve cartinha. Terezinha não quera me trair com sua ida para Fortaleza porque aquir estarei aguardando as tuas correspondencia Terezinha procuri pessoas de confiança para ler as minhas cartas que as suas aqui não precisa você se preocupar nada mais do mesmo Esquecido que não li esquece Açina José Ferreira.”

Depois desta, que foi talvez a primeira, datada de abril de 1965, vem uma outra, também a lápis, em que o acento de amor vai se tornando mais forte, num “crescendo”, assim como numa partitura musical em que de repente o autor tivesse necessidade de dar sons mais poderosos, como uma cachoeira ou, mal comparando, como em final de filme, quando o desenlace terrível já é inevitável e o diretor, deliberadamente, faz com que a música de fundo, dando o “tutti” orquestral, aumente impunemente a tensão do espectador.

Uma das cartas dista quatro meses da anterior e começa já num diapásão mais violento: “Queridinha amante adeus e saudações hoje é que me foi possível lançar a mão neste atrasado lape somentes para dar-te as minha noticia e obter as tuas sim querida estou aguardando sua chegada pois você não respondeu que seja breve terei o maior prazer neste dia feliz não esqueça de quem adora-te Açina José Ferreira.”

Tudo indica que a festejada, desejada, amada Tereza de Jesus Avelino não pisou os pés lá no sertão, nem deu notícia, nem se comoveu diante de tanta demonstração de amor, de tanta prova de fidelidade e persistência.

Coitado, sem esperança e sem coragem de voltar a dirigir-se à bem amada, desconfiado, com toda razão, do seu próprio prestígio, foi pedir as boas graças da futura sogra, no que, aliás, andou muito bem, pois numa carta do princípio de outubro do mesmo ano (fazia seis meses que o pobre esperava uma palavra) diz a mãe:



“Tereza saudações Deus te abençoe como passas bem? Eu com os de casa ficamos em paz graças a Deus Tereza o José Ferreira vei pedir que eu ti diga que venha para a festa de Nossa Senhora da Conceição no dia 8 de dezembro ele pede por tudo ficamos esperando não tenho nada pra mandarte mas quando você vier darei o que prometi aqui termino”. Mas, antes de terminar, a mãe serve-se do ensejo e faz uma violenta acusação ao marido, assim como quem está com o coração cheio de mágoa (ela também!) e espera remédio ou consolo: “Sim Tereza seu pai cada vez peor quanto mais velho fica mais sem juiso Assina Maria das Dores Avelino”.

Aqui a correspondência sofre um hiato relativamente grande, até o fim do ano. E pode-se imaginar a tristura do desventurado Zé, o desespero castigando, embora não se possa imaginar ao certo de que forma estaria ele reagindo, pois as cartas, neste ponto, são terrivelmente discretas, não deixam entender se o Zé deu pra beber, se simplesmente não fala mais nela, ou se fala nela todo tempo que Deus dá. Não se sabe.

Sabe-se, porém, por esta carta do mês de abril de 1966, exatamente um ano depois daquela primeira, terna, ingênua, e humilde, que Zé Ferreira voltou a insistir, confiante, como quem faz súplica a santa, expõe de forma bastante clara as suas intenções e usa uma linguagem discretamente ameaçadora: “Sim Tereza não seja ingrata por tudo lhe peço ou escreva ou volte eu prometo que condo você vinher eu caso não se impressione com conversa desses cabras da praça tudo é enganação. Você não vindo eu sou capaz de fazer um arte. Sem mais aqino José Ferreira”.

Mas há, no meio da correspondência, uma carta recente datada daqui de Fortaleza, que explica muita coisa, ou explica tudo, pois traz uma assinatura até então desconhecida, de um certo Pedro que ainda não aparecera no romance. E o signatário, que também vira suplicante,



dirigindo-se à mesma feliz e solícita Tereza, também se queixa:

“Minha querida eu lhe escrevo estas poucas linhas somente para lhe perguntar por qual motivo você não veio mais falar comigo na esquina pois se você não me quiser mais mim diga eu vôr procurar outra não é interessante eu viver esperando por quem não faz mais conta de mim. Eu lhe peço por favor que você venha na esquina no domingo pra nós ir o cinema como de costume diga sim ou não do seu sempre Pedro.”

Este também diz que é “sempre” mas pela forma que fala, já se deduz que há um terceiro candidato, um nome novo nas águas de Tereza de Jesus Avelino. José e Pedro que se cuidem, pois até do jovem patrão que me emprestou estas cartas, eu fico malinando suspeitas.